

## TESOUROS NO CÉU

Bob Welch

Decentemente, quando nosso pastor proferiu um sermão extraído do Livro de Mateus, baseado no texto "Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem...", não pude deixar de pensar num leilão ao qual estive presente.

Não se tratava de um leilão comum. O público podia dar lances por objetos depositados em cofres de segurança e que foram esquecidos por seus proprietários. Numa determinada época, eles foram tão importantes que as pessoas pagaram para guardá-los em cofres de aço.

Diplomas, boletins escolares de crianças, cartas...

Lembro-me de ter visto desde coleções de moedas, relógios de bolso e joias até documentos e objetos pequenos, todos acondicionados em sacos plásticos.

Roupas de escoteiro remendadas, recibos de um hotel em Waikiki, desenho de um coelhinho feito por uma criança...

Eram pertences que não foram reclamados, aguardando ser leiloados, bens esquecidos ou negligenciados por pessoas que já haviam falecido.

Rosários, cartas, passagens de trem...

Cada invólucro continha um mistério. As pistas serviam mais para despertar curiosidade do que para oferecer respostas. Li os documentos de imigração de Udolf Matschiner, que chegou a Ellis Island em 1906. Teria ele encontrado na América o que procurava?

Duas bolinhas de gude, três pedrinhas e uma fivela de cinto...

Para que serviriam aquelas coisas? Representariam alguma recordação especial, uma pessoa especial?

Passaportes, telegramas, recortes de jornal...

Um artigo amarelado, de um jornal de 1959, publicado na cidade de Los Angeles, estampava a seguinte manchete: "Mãe de Vlahovich Chora pela Condenação do Filho." Seu filho havia sido condenado por assassinato. A mãe chorou, implorando ao juiz que poupasse a vida de seu filho. "Levem-me no lugar dele!", ela gritava. "Matem-me!" O que teria acontecido? Será que ela viu o filho ser morto na cadeira elétrica de San Quentin?

Filmes sem terem sido revelados, certidões de nascimento, certidões de casamento...

Assuntos particulares da vida misturados a assuntos de domínio público da vida - um chumaço de cabelos loiros, uma prova de matemática de uma criança e um poema intitulado "O Sótão de Vovó", datilografado em uma máquina de escrever que tinha a letra e manchada com a tinta da fita.

Hoje, quando entrei no sótão da vovó, Dentro de um velho baú, bem dobrado, Eu vi um vestido cinza esvoaçante Com largas anquinhas de brocado cor-de-rosa E uma tira em alto-relevo dos dois lados Escondido bem no fundo daquele baú.

Encontrei um xale de seda muito lindo, Chinelos prateados, um ventilador da França, E também um pomposo convite para uma dança.

Uma frase escrita de atravessado no programa Dizia: "Agatha querida, posso dançar com você?"

Era como se nós, que participávamos do leilão, tivéssemos recebido permissão para entrar em centenas de sótãos da vovó, sótãos de pessoas desconhecidas.

Diários, fotografias, marcas do pezinho de um recém-nascido...

Quando a morte chega, a maioria dos objetos diz muito sobre a vida. Eles também sugerem uma sensação de realização, uma constatação de que a vida na terra terminou, que não podemos levar nada conosco.

E o que nós vamos deixar para trás?

Um cofre de 15 x 30cm cheio de recordações diz muito sobre as coisas que valorizamos. Mas é apenas um pequeno detalhe quando comparado ao que fizemos ao longo da vida.

Em nosso mundo, onde só aquele que morre rico é considerado vitorioso, talvez devêssemos deixar para trás...

Um investimento naquilo que Deus tanto preza - as outras pessoas.

Uma vida guiada não pelos ventos caprichosos de nossa cultura, mas guiada pelas firmes promessas de Cristo.

E um exemplo para nossos filhos, para que sejam tudo aquilo que Deus planejou para eles.

"Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam", concluiu nosso pastor naquela manhã de domingo, "porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração".

Ah, o céu! O derradeiro cofre de segurança.